

8. ENFIM...

Se pode haver um modo melhor para o mundo real incluir o mundo das imagens, vai demandar uma ecologia não só de coisas reais mas também de imagens.

Susan Sontag

Para as ponderações finais apresentadas nesse relato gostaria de adotar uma expressão mais informal, na primeira pessoa, para o que solicito a devida licença.

A pesquisa que resultou nesta tese está assentada numa vivência pessoal e é fruto de uma questão que acompanha minhas atividades práticas e reflexões intelectuais há muitos anos. Fiz a minha graduação em Design, na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), uma escola, à época, independente. A experiência vivida nessa escola, onde ingressei em 1968, foi extremamente rica. Marcos da Costa Braga relata a trajetória da implantação do ensino do Design no Brasil e mostra um pouco desse período histórico. A época não foi crucial apenas para a revisão do modelo de ensino de Design no Brasil, mas um momento político conturbado, ao mesmo tempo que extremamente profícuo e criativo do ponto de vista cultural e artístico, não só nesse país como em todo mundo. Os depoimentos coletados por Braga, alguns deles de colegas com que convivi e compartilhei a experiência da ESDI, nesses anos, dão uma ideia desse período.

O regime militar estava se consolidando no Brasil e ficou mais rígido a partir de 1967; a situação política era de protestos e repressão. Mas paralelamente evidenciava-se um interesse geral pelas novas propostas que surgiam na arte e que foram rapidamente incorporadas pelos estudantes da ESDI. O que se evidencia nesses anos entre 1968 e 1972 é a multiplicidade de temas, áreas de interesse e atividades que faziam parte do nosso dia a dia, independente das propostas diretas do curso. O ambiente da escola e a atmosfera geral reinante na época favoreciam o engajamento com as atividades artísticas, a simpatia pela contracultura e a participação em movimentos culturais. Sobressaía o espírito de união que ligava as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, a poesia. Braga relata:

O tropicalismo surgia em 1967 e abrangia boa parte dessas artes (cinema, teatro, música, literatura), e influenciou o pensamento dos alunos da ESDI. Professores ligados à área cultural, como Zuenir Ventura e Frederico de Moraes, incluíam em seus programas de aulas os temas discutidos pelos artistas: consumo e vanguarda, *underground* e comunicação, arte e indústria. (BRAGA, 2011, p.64)

O que experimentamos naquele momento foram vivências e práticas extremamente transdisciplinares e globais. Trabalho, arte e prazer se fundiam num mesmo ato. Impulsionadas por este *modus vivendi*, as minhas atividades se diversificaram. Após algum tempo trabalhando com projetos gráficos, passei a exercer a fotografia como principal ofício. Pouco tempo depois, apresentou-se a possibilidade de empregar a fotografia fixa no cinema, na forma de fotografia de cena. Isso gerou um longo período de trabalho em produções de filmes de ficção, brasileiros e estrangeiros, proporcionando-me uma vivência intensa de set de filmagem, inclusive em outras funções diferentes daquela principal, e o convívio interativo com inúmeros profissionais de diversas nacionalidades. Minha natureza curiosa sempre me instigou a observar os procedimentos e investigar as fontes pessoais que davam origem àquelas imagens que eu registrava nas minhas fotos, o que acabou tornando-se tema de muitas conversas que o ambiente de trabalho favorecia. Além de familiarizar-me com o proceder singular de cada profissional, essa convivência permitiu criar fortes vínculos de amizade e companheirismo com alguns dos principais diretores de fotografia brasileiros, neste período.

Após muitos anos de prática profissional, decidi retomar a atividade acadêmica, através de uma reflexão teórica focada na questão da imagem fílmica. A apresentação de um projeto de mestrado na área do cinema pareceu ser a escolha mais adequada. Esse projeto, que propunha investigar a identidade na fotografia cinematográfica brasileira, foi aceito no departamento de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, onde tive a grata oportunidade de contar com a orientação segura do professor Antonio Carlos Amâncio, um profundo conhecedor da área. Nesta ocasião travei conhecimento com o Curso de Cinema da PUC-Rio, onde cursei uma disciplina na pós-graduação do departamento de Comunicação Social, oferecida pelo professor Miguel Pereira. Pude me beneficiar, então, dos seus amplos conhecimentos teóricos de cinema, que muito enriqueceram minha pesquisa. O professor continua acompanhando minha trajetória, pois também coorientou minha pesquisa de

doutorado. Na escolha do tema para o projeto de doutorado eu desejava aprofundar a pesquisa sobre a construção de significados na imagem cinematográfica e vislumbrei a possibilidade de voltar ao domínio do Design, procurando um vínculo entre este e as questões relativas à construção da imagem no cinema. Encontrei no departamento de Artes e Design da PUC-Rio um acolhimento para a minha proposta de inserir a concepção do projeto visual cinematográfico no campo do Design. A PUC-Rio me ofereceu amplas condições para realizar a pesquisa, assim como também indicou meu projeto de doutorado-sanduíche para o programa da CAPES, o que me possibilitou a realização de um estágio em Paris, na Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3, com orientação do professor Philippe Dubois. Essa experiência representou não apenas uma ampliação dos meus conhecimentos através da participação em aulas, seminários e colóquios e a oportunidade de travar conhecimento com alguns renomados pensadores da atualidade, voltados para a minha área de interesse, como proporcionou a minha participação em inúmeros eventos culturais e debates, e a visita a exposições e acervos de museus relacionados direta ou indiretamente à imagem, seja do cinema, da fotografia ou das artes plásticas. Isso sem mencionar o acesso às várias bibliotecas especializadas e filmotecas da capital francesa.

Mas foi decisiva para o êxito do meu trabalho, sobretudo a generosidade com que minha orientadora, professora Vera Nojima aceitou o desafio de abrigar a minha proposta de relacionar Cinema com Design. Encontrei na orientação da professora Nojima um precioso suporte para fundamentar e demonstrar essa inclusão. Pelas suas mãos me aproximei de conhecimentos até então pouco familiares, como a semiótica e a retórica, o que me conduziu a novos caminhos de reflexão teórica, essenciais para a pesquisa. O conceito de transversalidade, proposto por ela, abriu um fio condutor para pensar as possíveis relações que o Design estabelece com as mais diversas áreas, tanto na reflexão teórica como na atividade prática. Essas relações de transdisciplinaridade e transversalidade, que abrangem amplos domínios do pensamento abstrato e propiciam o trânsito constante entre áreas de atuação, a invasão de outros ramos de atividades e a contaminação pelo pensamento estético-artístico puro, finalmente tornaram possível a proposição que aponta uma nova perspectiva na construção dos significados da imagem cinematográfica inserida no conceito de Design.

Projeções futuras

A discussão do corpo teórico e do conjunto dos dados levantados e analisados durante a pesquisa resultou numa síntese e me levou a pensar no desenvolvimento de uma teoria que pretende contribuir para o debate acerca de uma Teoria Geral do Design. Porém considero que esta seja apenas uma das possíveis visões, uma perspectiva da questão abordada. O tema não se esgota neste trabalho.

Uma ampliação deste debate, possibilitando outras abordagens da questão - o vínculo estabelecido entre Cinema e Design na concepção da imagem - seria extremamente bem-vinda. Como primeiro passo nesta direção é possível propor o desdobramento da pesquisa em um trabalho de âmbito interdisciplinar das áreas de Cinema, Comunicação e Design.

No campo da pesquisa teórica apresento a seguir alguns possíveis projetos para ampliar o debate e promover a interação entre Cinema e Design:

- Organização de um grupo de pesquisa misto, com integrantes dos Cursos de Design, Artes, Comunicação e Cinema.
- Organização de um seminário interdepartamental sobre Cinema e Design, promovido em conjunto por Departamentos de Comunicação, Cinema, Artes e Design de diversas instituições, e que pode estender-se ao envolvimento de Departamentos como os de Letras ou História.
- Planejamento de uma publicação especial, reunindo textos de autores convidados, organizada em conjunto por diversas instituições voltadas ao ensino do Cinema e do Design.

Na aplicação prática, considero desejável a integração pedagógica entre os diversos cursos, podendo resultar, por exemplo, na inclusão de uma especialização em direção de arte oferecida pelo(s) curso(s) de Design, e de uma especialização em figurino para teatro e cinema no(s) curso(s) de moda, na área do Design.

A meta de todas as propostas consiste em promover um conhecimento novo que venha a ser agregado ao escopo de conhecimentos já existentes, neste domínio, contribuindo de forma relevante para a ampliação das discussões em torno do Design.

Pois,

O mesmo processo de crescimento da complexidade do saber humano sobre o mundo que gerou a necessidade da especialização vem, ultimamente, questionando a compartimentalização e apontando a necessidade premente de se buscar o rompimento das barreiras que se construíram entre os diferentes campos dos saberes.

Silvio Gallo

F I M